

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM “PIXAIM”, DE CRISTIANE SOBRAL: DO TEMPO MORNO A UM DIA DE COMEÇOS*

Cleide Silva de OLIVEIRA[√]
Alcione Correa ALVES^{√√}

RESUMO

A coletânea *O tapete voador*, de Cristiane Sobral, abriga o conto “Pixaim” cuja temática principal é a luta de uma garota contra as estratégias de branqueamento impostas por sua mãe. Nesse sentido, objetiva-se examinar como as ações de enfrentamento ao racismo, por parte da protagonista do conto, na diegese, contribuem para o processo de construção identitária da personagem. O aporte teórico baseia-se nas noções apresentadas, principalmente, por Édouard Glissant (2005), Achille Mbembe (2014) e Nilma Lino Gomes (2008). Partindo da hipótese de que a trajetória da protagonista do conto apresenta-se marcada pelo enfrentamento ao racismo, as conclusões parciais deste artigo apontam para um processo de construção identitária que perpassa a consciência de si para chegar ao empoderamento. Desse modo, a escritora confere à narrativa uma atitude política de valorização do fenótipo negro.

Palavras-chave: Literatura negra. Cristiane Sobral. **Pixaim**. Racismo. Identidade.

1 INTRODUÇÃO

Espere o inesperado

Sou pássaro preto
Estendo as minhas asas
Coloco fogo na dor
Espalho as cinzas negras pelo meu corpo
Forjo uma pele nova a cada momento
Jogo as cinzas ao vento

* Artigo recebido em 08/03/2020 e aprovado em 27/05/2020.

[√] Doutoranda em Literatura pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Integrante do grupo de pesquisa Teseu: o labirinto e seu nome.

^{√√} Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). Professor adjunto IV na Universidade Federal do Piauí.

E voo
Águia negra
A ressuscitar diante de qualquer tempestade
Mais forte
Mais célebre
Mais viva
Mais leve
Mais lúcida
Mais nítida

Espere o inesperado.

Cristiane Sobral
Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz (2016b)

Muitas vezes, o racismo impõe àquelas/es cujas identidades são marcadas por esta condição a necessidade de enfrentamento: a forja de uma pele nova. Isto ocorre com a protagonista de “Pixaim”: uma garota que, ainda na infância, luta contra a realidade segregadora na qual está inserida. O posicionamento de resistência também pode ser verificado no eu lírico do poema transcrito como epígrafe. No caso da personagem do conto, ela alcança a consciência de sua negritude e opta por valorizar os traços físicos; entretanto, precisa desafiar a mãe uma vez que esta última lhe impõe o alisamento capilar. Desse ponto de vista, o poder se manifesta através das imposições da pessoa racista e também por meio da resistência que pode levar ao empoderamento da pessoa negra.

Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular; e, no entanto, ele sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o detém; mas se sabe quem não o possui (FOUCAULT, 2018, p. 138).

Segundo Michael Foucault, o poder não emana de um indivíduo em particular, mas os grupos que o detém são soberanos ao ponto de exercer a supremacia necessária para que os subordinados sejam identificados. Nesse contexto, o poder direcionado a pessoas negras através da negação de direitos e do menosprezo à condição humana originou formas de luta contra a opressão. Na atualidade, o racismo se mostra condição prolongadora da escravização. O poder se exerce sobre os corpos, sobretudo os femininos, ditando normas de caráter estético e comportamental cuja relevância em âmbito social é capaz de vilipendiar identidades. A fim de contestar tal realidade, a escrita sobraliana está alicerçada em uma poética de valorização da negritude.

Estou empenhada em provocar a reflexão sobre a humanidade de negros e negros além dos estigmas, escrevo sua subjetividade em minhas obras, quero contar nossas histórias, nossas memórias, destacar nosso legado na construção planetária (SOBRAL, 2016c, p. 395).

Em entrevista concedida à pesquisadora Denise Lima, na **Revista Urdimento**, Cristiane Sobral menciona sua intenção como escritora negra. Para ela é importante apreciar a resistência negra, ressaltando aquilo que foi e continua sendo negado: a humanidade e o protagonismo. Considerando o poema “Espere o inesperado”, é possível localizar esse intuito assim como também ocorre em “Pixaim”. O verbo **forjar**, na primeira estrofe, constitui um dos pilares para o entendimento do texto: moldar-se de acordo com as situações; reconstruir-se. O pássaro negro representa a capacidade da mulher negra de alçar voos, buscar novas perspectivas, resistir. Neste caso, encarar a dor significa transformá-la em aprendizagem. Assim, ressuscitar constitui o apogeu da resistência, pois, diante das adversidades, é possível reviver com mais força que antes: **forte, célebre, viva, leve, lúcida, nítida**.

Mulheres negras colocam **fogo na dor**. Os estereótipos tendem a mascarar a identidade feminina, por isso é preciso força para contestá-los. A força, representada pelo fogo no poema, advém da lucidez, da inteligência, do equilíbrio, da vida; ao mesmo tempo em que confere poder. Esperar o inesperado é o paradoxo que resume a capacidade de transgressão de mulheres negras enquanto proprietárias de seus corpos. Em “Pixaim”, o inesperado reside na criança que, sob a égide de uma família castradora de seu direito à negritude, é obrigada a travar lutas contra os padrões que lhe são infligidos até chegar à idade que permita agir em acordo com a consciência que ela tem de si.

Para mulheres negras, diante da história de violência e de luta, é importante resistir e alcançar a autoafirmação. A influência que a sociedade exerce sobre a identidade é relevante para as posturas de cada indivíduo. “Ora, no atual panorama do mundo uma questão importante se apresenta: como ser si mesmo sem fechar-se ao outro, e como abrir-se ao outro sem perder-se a si mesmo?” (GLISSANT, 2005, p. 28). O trajeto que leva à abertura para o outro só pode ser percorrido se antes o conhecimento e a aceitação de si mesma/o ocorrer efetivamente. É por isso que Sobral se posiciona favoravelmente à exaltação dos traços físicos e escreve textos cujo pano de fundo é a subjetividade afro-feminina.

2 O TEMPO MORNO

O tempo morno em “Pixaim” alude a uma contagem puramente cronológica da sucessão de fatos numa tentativa de mostrar a condição da mulher negra periférica¹ e uma infância subtraída. “Rio de Janeiro. Qualquer dia da semana num tempo que passa morno, sem novidades” (SOBRAL, 2016a, p. 37). O dia da semana é apresentado pelo pronome indefinido **qualquer** em alusão ao cotidiano repetitivo uma vez que a vida de uma garota de dez anos, negra e moradora do subúrbio carioca, provavelmente está cercada pelos desafios impostos pelo racismo. É possível entender a impossibilidade de delimitar o tempo quando considerado o trabalho da escritora no sentido de levar o leitor à sensação de imutabilidade.

De acordo com Macêdo (2015, p. 29), Sobral apresenta o tempo de maneira indeterminada no conto. “Ela não cita data alguma como forma de chamar a atenção de que o que ocorrerá a seguir atravessa gerações” [...] (MACÊDO, 2015, p. 29). Para a pesquisadora, a busca de Sobral é por uma poética que permita assegurar protagonismo à mulher negra. O futuro da personagem é descrito como um “horizonte sem perspectivas” (SOBRAL, 2016a, p. 37). A promessa de dias melhores – significado mais comum atribuído à palavra **horizonte** – é contrariada pela locução adjetiva que estabelece um paradoxo e uma afirmação sobre as consequências que o racismo tem na construção identitária da personagem: **sem perspectivas**.

A cor da pele constituía o primeiro fator para que fossem desconsiderados os posicionamentos da menina diante do próprio corpo; para destituírem sua humanidade em nome da aproximação com uma aparência branca. Nesse contexto, é importante ressaltar que a protagonista, aos dez anos, já é capaz de demonstrar resistência no sentido de manter seus traços negroides. Ela tem consciência de sua

1. Para este artigo a interseccionalidade não constitui uma noção primordial ao cumprimento de nosso objetivo geral; entretanto, consideramos importante mencioná-la uma vez que a associação entre variáveis sociais impõe a sujeitas, como a protagonista de “Pixaim”, determinadas condições de vida. “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (CRENSHAW, 2002, p. 177). A raça, a classe e o gênero na narrativa em análise são eixos relevantes para o entendimento das opressões sofridas pela protagonista.

condição e do modo como o outro a enxerga: “[...] descobre que há pessoas descontentes com sua maneira de ser [...]”. Considera a arbitrariedade presente nas posturas daqueles que a cercam: “[...] é acusada injustamente”.

Por meio do vocábulo **acusada**, percebemos a atribuição de responsabilidade à criança pelo fato de ser negra. Ela é penalizada pelo cabelo crespo como se tivesse cometido um crime e a escolha léxica da autora comprova tal afirmativa. Mbembe discorre sobre as consequências do pertencimento à raça negra em uma sociedade racista.

Ela continua a produzir efeitos de mutilação, porque, originariamente, é e será sempre aquilo em nome do qual se operam fissuras na sociedade, se estabelecem relações coloniais, se repatriam e se prendem pessoas cuja vida e cuja presença são consideradas sintomas de uma condição limitada, e cuja pertença é contestada porque provém, nas classificações vigentes, do excedente (MBEMBE, 2014, p.70).

Da segregação decorrem direitos negados e a recusa de um lugar social enquanto pessoa capaz de posicionar-se, de escolher, de manifestar-se intelectualmente. A raça permite reificar pessoas, negar-lhes a condição humana, tirar-lhes a voz e até a própria vida. Sem cerimônia, a menina era obrigada a rejeitar o próprio tipo físico, o que constituía uma violência sem precedentes: uma mutilação. Ela mostra-se consciente de que o erro reside nas posturas do outro. “Os ataques começaram quando fui apresentada a alguns pentes estranhos, incrivelmente frágeis, de dentes finos, logo quebrados entre as minhas madeixas acinzentadas” (SOBRAL, 2016a, p. 37). O pente era inadequado para o cabelo crespo e não este último que era **ruim** como diziam.

Agredida em suas origens, a menina sofre ofensivas contra sua identidade. Ainda assim, exalta a resistência de seu cabelo. O pente aparece no texto como uma arma usada na agressão contra seu corpo ao mesmo tempo em que explicita a fragilidade desta, estabelecendo culpabilidade ao instrumento e não ao cabelo.

“Pela primeira vez ouço a expressão cabelo ‘ruim’” (SOBRAL, 2016a, p. 37, grifos da autora). O adjetivo **ruim** estabelece a hierarquização do cabelo. Subentende-se que ao outro está assegurado o adjetivo **bom** a fim de garantir sua legitimidade e rebaixar a qualidade do que é próprio da pessoa negra. “Sabemos que as coisas são nomeadas, e o nomear parte de intenções. Interessa, assim, compreender as intenções ideológicas erigidas diante das qualificações[...]” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, p. 107). A dicotomia exprime a valorização do branco

em detrimento do preto: os adjetivos escolhidos cumprem a missão de fomentar o rebaixamento de tudo o que faz parte da pessoa negra: “A associação do cabelo crespo a algo ‘ruim’ faz parte do imaginário que inferioriza a condição do **ser negro**” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, p. 107, grifos das autoras). Portanto, a expressão tem abrangência maior do que apenas a definição atribuída ao cabelo.

De acordo com a locução adverbial de tempo que inicia o período, é provável que a protagonista tenha seu devir negro muitas vezes maculado durante a vida: aquela foi apenas a primeira vez que lhe impuseram a palavra **ruim** como característica.

O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste (GOMES, 2008, p. 114, grifos da autora).

O corpo negro – representado em Sobral pelos cabelos – pode ser entendido por uma perspectiva política que sugere uma hierarquização. Se o cabelo **bom** pertence ao branco, o contrário será depreciado; estará sempre abaixo nas escalas qualitativas da estética. Assim, o cabelo pertence ao campo da diferenciação por um ponto de vista no qual a atribuição de um valor determina a aceitação social de alguns indivíduos em detrimento de outros. Assim, o cabelo, entendido aqui como metonímia do corpo, estabelecerá o rebaixamento do ser em todas as instâncias: física, intelectual, social.

Através do conhecimento dessa realidade e na busca por aceitação, a decisão imediata é mudar o cabelo. “Essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível a dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco” (HOOKS, 2005, p. 3). Entendemos o **triumfar** de bell hooks como uma decisão política que promove a aceitação ou repulsa da mulher negra em todos os âmbitos. Embora demonstrasse aceitação de seus traços, a protagonista passou a ter contato com o discurso de autonegação² desde muito

2. Entendemos a autonegação da negritude como uma das etapas possíveis no processo de construção identitária. A repulsa à cor da pele não é característica da protagonista em análise, mas a mesma convive com este discurso através das posturas de familiares e vizinhos. “Infelizmente, a exposição do negro ao preconceito racial provoca o desenvolvimento de processos como a autonegação. Faz parte do trajeto até chegar ao conhecimento, à aceitação de si e ao amor próprio” (OLIVEIRA; LOPES, 2018, p. 544). Em âmbito literário, é possível constatar como a rejeição social leva à recusa da própria identidade através da leitura do conto “Metamorfose”, de Geni Guimarães.

cedo. “Depois uma vizinha disse a minha mãe, que todos os dias lutava para me pentear e me deixar bonitinha como as outras crianças, que tinha uma solução para amolecer a minha carapinha ‘dura’” (SOBRAL, 2016a, p. 37, grifos da autora).

Ficar igual às outras crianças era o que impunha a sociedade porque, aos olhos da vizinha e de sua mãe, era a maneira mais viável para ser aceita, isto é, parecer branca significava aproximar-se do ideal de beleza desejado. O adjetivo **igual** aparece no texto muito arraigadamente ligado à brancura como um lugar não racializado além de estabelecer que o defeito da pessoa negra é ter raça. A mãe concordava com a necessidade de mudar o cabelo da filha. Numa sequência temporal na qual os eventos sucedem as tentativas de embranquecer a garota, o leitor adentra o universo infantil e verifica quanto é sofrido e consciente o relato.

Após o contato inicial com a desqualificação da imagem, o texto apresenta os adjetivos entre aspas numa ênfase proposital ao aviltamento. Agora a vizinha está determinada a dirimir as diferenças que compõem a feição da garota. O verbo **lutar** exhibe mais uma vez o caráter ofensivo da contrariedade do outro com o corpo negro. Estão implícitos sua feiura, uma vez que era preciso ficar **bonitinha**, e também o fato de seu cabelo constituir um problema a ser resolvido pela vizinha.

Diante da conjuntura de violência à qual estava submetida, a criança é levada ao amadurecimento precoce³. “Cresci muito rapidamente e, para satisfazer aos padrões estéticos, não podia usar o cabelo redondinho do jeito que eu gostava, pois era só lavar e ele ficava todo fofinho parecendo algodão” (SOBRAL, 2016a, p. 37-38). A preferência por diminutivos rememora o caráter

Sugerimos a leitura do artigo “A forja do eu: o discurso racista em ‘Metamorfose’, de Geni Guimarães”, disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/10308/7926>.

³ A consciência atribuída a crianças negras, sugerindo que envelhecem mais rápido do que as brancas, aparece em outros textos literários. Como exemplo, citamos “Pérola”, de Serafina Machado. “Ainda criança, sangrei maturidade. Menina e moça. Entreaberto botão, entrefechada rosa. Na aparência, menina; na experiência, formava-me uma mulher. Um novo ciclo iniciava-se a partir do momento em que fui para a escola” (MACHADO, 2013, p. 87). O racismo impõe um crescimento precoce a crianças como a protagonista de Machado. “Estava absorta em meus pensamentos quando ouvi um menino me chamando de neguinha fedida” (MACHADO, 2013, p. 87). Situação análoga ocorre com a personagem de “Pixaim”.

infantil da narradora-protagonista⁴ ao mesmo tempo em que valoriza os traços negros com os quais a personagem se identifica: o formato e a textura do cabelo são agradáveis aos olhos da menina. Mais uma vez, a presença dos marcadores temporais, através do encadeamento de dois advérbios - **muito rapidamente** - denota quanto pessoas negras são levadas pelo meio social a se desenvolverem com presteza. A sinestesia que reveza tato (fofinho, algodão) e visão (estética, redondinho), permite inferir a respeito da sensibilidade com que Sobral trata da condição da criança negra.

Depois do pente quente e de um banho de chuva que trouxe de volta sua aparência, a menina afirma: “Por um tempo tive paz. Fazia o que bem entendia com meus fios, mas sabia que algo estava sendo preparado” (SOBRAL, 2016a, p. 38). A paz representa a liberdade tão cara a pessoas negras: um direito historicamente negado através do aprisionamento, da violência contra o corpo e da recusa da capacidade intelectual. Confirmando a previsão da garota, a vizinha viaja e retorna com nova estratégia de alisamento.

O henê era um creme preto muito usado pelas negras no subúrbio do Rio de Janeiro, que alisava e tingia os crespos. A propaganda da embalagem mostrava uma foto de uma mulher negra sorridente com as melenas lisas. Só que o efeito do produto não era eterno, logo que crescesse um cabelinho novo, era necessário reaplicar o creme, dormir com **bobbies**, fazer touca, e outras ações destinadas a converter o cabelo “ruim”, em “bom”. O produto era passado na cabeça bem quente e mole, mas quando esfriava endurecia. Uma hora depois, a cabeça era lavada com água fria em abundância até a sua total eliminação (SOBRAL, 2016a, p. 38-39, grifos da autora).

A utilização do henê enfatiza as ações violentas às quais a protagonista estava submetida porque expõe a tortura e representa seus maiores temores. O próprio comercial do produto e a imagem da mulher negra emitiam uma

4 O primeiro e o último parágrafos de “Pixaim” apresentam narrador onisciente. “Ao valer-se da narração em terceira pessoa, no início e no final do conto, aparentemente, a intenção da voz narrativa é manter certa distância daquilo que conta, interessada apenas em situar o leitor nos contextos específicos nos quais a história se passa, respectivamente, Rio de Janeiro e Brasília” (SILVA, 2018, p. 107). Os demais parágrafos têm foco narrativo em primeira pessoa. Usamos a expressão narrador-protagonista em referência à classificação de Lígia Chiapinni, apresentada na obra *O foco narrativo* (2014): “O NARRADOR, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (CHIAPINNI, 2014, p. 44, grifo da autora). A protagonista de “Pixaim” narra as atitudes da mãe, da vizinha e dos demais familiares a partir de ações e falas, o que nos permite classificar o foco narrativo pelo ponto de vista de Chiapinni.

representatividade para a garota: possivelmente, a transitoriedade do efeito uma vez que, com o crescer das raízes capilares, seria necessário novo procedimento.

Além disso, a menina sabia que a fotografia era o símbolo de um disfarce porque aquela mulher não era realmente o que aparentava. Tratava-se de uma beleza forjada para agradar a um mundo racista. O sorriso momentâneo não era interesse da menina, pois ela estava certa da impossibilidade de ter o cabelo **bom** e optava por suas características naturais. A escolha indica resistência frente à imposição da mãe e da vizinha, além de elevada sobriedade considerando tão pouca idade. Infelizmente, ela é privada de seu livre-arbítrio em uma alusão ao período escravocrata.

Era a tentativa de extinção do meu valor! Chorei, tentei fugir e fui capturada e premiada com chibatadas de vara de marmelo nos braços. Fim da tentativa inútil de libertação. Sentei e deixei o henê escorrer pelo pescoço enquanto gelava por dentro, até sentir a lâmina fria da água gelada do tanque de concreto penetrando em meu couro cabeludo (SOBRAL, 2016a, p. 39).

As chibatadas indicam a violência à qual a menina era submetida para aceitar a vontade da mãe, apesar de sua tentativa de fuga. O adjetivo **capturada**, em referência ao sequestro e à diáspora, é um exemplo de como a linguagem de Sobral empresta aos dias atuais a dimensão exata de como o regime de escravização ainda não foi extinto; apenas remodelado. Para Nilma Lino Gomes (2002, p. 42), corpos negros foram e continuam sendo violentados; entretanto, tal realidade não indica submissão dos explorados porque estes últimos desenvolveram formas de rebelião e de resistência. Tais configurações abrigam a modificação do corpo através dos penteados, pinturas, tranças: "O corpo evidencia diferentes padrões estéticos e percepções de mundo" (GOMES, 2002, p. 42). Para a protagonista de "Pixaim", o corpo da mulher da foto na caixa do henê expressava uma visão de mundo irreal e com efeito passageiro; uma ilusão: "[...] pensei com pavor na foto da mulher com cabelo alisado" (SOBRAL, 2016a, p. 39). Não é a escolha que ela faz para sua vida.

Depois, já era tarde, minha mãe encheu minha cabeça de bobbies. Segui inerte. Chorei insone aprisionada pelos bobbies amarrados na cabeça, sentindo uma imensa dor e o latejar dos grampos apertados.
Dia seguinte. Minha mãe me chamou inesperadamente carinhosa e me colocou frente ao espelho. Pela primeira vez disse:
- Você está bonita! Pode brincar, mas não pule muito para não transpirar e encolher o cabelinho (SOBRAL, 2016a, p. 39, grifos da autora).

A uma criança negra não é permitido exercer o livre-arbítrio e os sacrifícios conferidos pela tentativa de embranquecê-la corroboravam com o aprisionamento de seu corpo. Agora estava refém dos bobbies, dos grampos e da inércia; sua infância era podada. Sem liberdade para dormir ou brincar, a dor crescia para transformar-se em resistência adiante. Ela entende o inesperado carinho da mãe como uma tentativa de fazê-la perceber-se bonita com a nova aparência, contudo, também denota não estar habituada ao amor materno, pois a imposição ao alisamento lhe parecia agressiva e contraditória quando comparada ao gesto de agora. Estava encarcerada: presa aos padrões contrários à sua raça.

Os vizinhos ficaram felizes com a confirmação da profecia. Diziam que preto não prestava mesmo. Todo mundo se sentia no direito de me dar uns tapas, para me corrigir, para o meu bem. Eu era tudo de péssimo, ingrata, desgosto da mãe, má, bruxa. Meus irmãos também colaboravam me chamando de feia, bombril, macaca (SOBRAL, 2016a, p. 39, grifo da autora).

De acordo com Lino Gomes, os apelidos desferidos contra crianças negras marcam fortemente suas vidas. "São, talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência" (GOMES, 2002, p. 45). O fato de ser ofendida em contexto familiar, até mesmo pelos irmãos, causava tristezas ainda mais profundas. Ademais, a narração ressalta a naturalidade com que o racismo se manifesta: era uma **profecia**, isto é, já era esperado que a garota não tivesse boa índole, simplesmente pelo fato de ser negra. A cor da pele estabelece uma diferença e esta última serve ao propósito de grupos dominantes no sentido de conferir ausência de valores ao grupo desprivilegiado. Tomaz Tadeu Silva esclarece sobre a naturalização oriunda da diferença.

Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e a diferença (SILVA, 2003, p. 73).

Na prática, a essencialização e o fato de universalizar características, tais como a falta de boa índole atribuída a pessoas negras, constituem formas de violência. "Eu era a ovelha mais negra, rebelde por excelência, a mais escura e a que tinha o cabelo 'pior'. Às vezes eu acreditava mesmo que o meu nome verdadeiro era pixaim" (SOBRAL, 2016a, p. 40, grifos da autora). Considerando que era a **mais**

negra da família, as características do fenótipo permitiam a associação ao descrédito, o que não ocorria com os outros irmãos de pele mais clara. O nome - importante elemento identitário - aparece no trecho como exemplificação de sua ausência de caráter: afinal, nem mesmo por um nome era chamada.

Trata-se de um estereótipo a ligação entre negras/os e a ausência de moralidade: no caso da menina, a insubordinação. São os sistemas de significação explicados por Tadeu Silva. “A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que o compõem” (SILVA, 2003, p.78). O alicerce do sistema, segundo Silva, é a linguagem uma vez que dela decorre o conjunto de estereotípias atribuído à menina como forma de abolir sua humanidade: “ovelha negra”, “tudo de péssimo”, “má”, “bruxa”, “desgosto”, “bombril”, “macaca” (SOBRAL, 2016b, p. 40). Os vocábulos expressam toda a violência psicológica imposta à criança ao mesmo tempo em que justificam a agressão física que ela sofria.

Eu já não resistia e comecei a acreditar no que diziam. Todos os dias eram tristes, e eu tinha a certeza de que apesar do cabelo circunstancialmente “bom”, eu jamais seria branca. Foi aí que eu tive uma inesperada luz. Minha mãe queria me embranquecer para que eu sobrevivesse à cruel discriminação de ser rejeitada por ser diferente. Percebi subitamente que ela jamais pensara na dificuldade de criar uma criança negra, mesmo tento casado com um homem negro, por que ela e meu pai tiveram três filhos negros de pele clara, ou melhor, “socialmente brancos”, que não demonstravam a menor necessidade de assumirem sua negritude (SOBRAL, 2016a, p. 40, grifos da autora).

Do primeiro período do trecho de “Pixaim” é possível inferir que a construção identitária da protagonista passa por um momento de instabilidade, pois ela aceita como verdadeiras as afirmações de que era uma pessoa de índole duvidosa, conforme afirmações dos vizinhos e familiares. Apesar de incorporar, momentaneamente este último discurso, ainda assim a menina não admite a possibilidade de um dia tornar-se branca e chega à conclusão de que sua progenitora não estava preparada para encarar o racismo. Outro ponto importante do trecho transcrito é a simbologia acerca de pessoas socialmente brancas⁵: posição

5. Verifica-se que pessoas de pele clara têm uma tendência a afirmar-se brancas. “A fuga da negritude é a medida da consciência de sua rejeição social e o desembarque dela sempre foi incentivado e visto com bons olhos pela sociedade. Cada negro claro ou escuro que celebre sua mestiçagem – ou suposta morenidade – contra sua identidade negra tem aceitação garantida” (CARNEIRO, 2011, p.

de privilégio que dispensa a afirmação de uma identidade negra. Nesse contexto, a personagem estava consciente de que precisava lutar contra as convicções dos que a cercavam para assumir seu pertencimento racial.

3 UM DIA DE COMEÇOS

Embora a negritude estivesse nos sonhos da protagonista de “Pixaim”, ela também tinha consciência de que não tinha autonomia suficiente para contrariar as convicções da mãe. Era preciso aguardar pelo crescimento e pelo amadurecimento para conquistar a liberdade. “Cresci tentando ser algo que eu não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu, só meu” (SOBRAL, 2016a, p. 40, grifos da autora). Estava convicta do pertencimento, mas ainda não tinha propriedade para adentrar este mundo. Neuza Santos Souza discorre sobre o desafio de desvencilhar-se dos padrões familiares e construir uma identidade.

A possibilidade de construir uma identidade negra – tarefa eminentemente política – exige como condição imprescindível, a contestação do modelo advindo das figuras primeiras – pais ou substitutos – que lhe ensinam a ser uma caricatura do branco. Rompendo com este modelo, o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio (SOUZA, 1983, p. 77).

Como na infância, seria muito difícil atuar, ela prefere retroceder, o que não lhe confere covardia, mas apenas uma estratégia inteligente para, em momento adequado, conquistar seu espaço. A certeza de que jamais seria branca é o ponto crucial para a construção identitária da protagonista. Ela age em consonância com o que afirma Souza: está consciente de que não passará de uma imitação do branco e terá de contestar este modelo quando a escolha, provavelmente oriunda de uma maior idade, assim lhe permitir.

O meu cabelo era a carapaça das minhas ideias, o invólucro dos meus sonhos, a moldura dos meus pensamentos mais coloridos. Foi a partir do meu pixaim que percebi o comportamento de uma sociedade, que insistia em me enquadrar num padrão de beleza, de pensamento e de opção de vida (SOBRAL, 2016a, p. 40-41).

73. Para muitos, como para os irmãos da protagonista de “Pixaim”, constitui uma vantagem ter a pele clara apesar do pai ser negro ou de outras características fenotípicas.

Sobral apresenta, por meio de metáforas, a valorização do fenótipo negro. De maneira poética, ela explicita o valor do cabelo crespo para a protagonista. “Assim encarado, o cabelo, qual carapaça, apresenta-se antes que duro e inapropriado, como resistente e protetor. Mais: é moldura, invólucro [...]” (SILVA, 2016, p. 92). Além disso, o trecho mostra a repercussão que as situações relacionadas ao cabelo têm para a construção identitária da menina: não se trata apenas de um ornamento para o rosto, mas de uma proteção para o local do corpo onde estão abrigadas as ideias, os pensamentos, os sonhos, a humanidade. O pensar torna as pessoas efetivamente humanas e é por este motivo que o cabelo, que ela não nega ser visto como pixaim, permite a medida exata das posturas racistas e, por este ângulo, o cabelo pode proporcionar uma maneira nova de encarar a vida.

Da gradação crescente de Sobral – padrão, pensamento, opção de vida – reiteramos o ápice do cabelo tomado como metonímia do corpo: a personagem reflete sobre os valores impostos socialmente para decidir sobre o que lhe possibilita maior conforto e vitalidade.

Independentemente da maneira como escolhemos individualmente usar o cabelo, é evidente que o grau em que sofremos a opressão e a exploração racistas e sexistas afeta o grau em que nos sentimos capazes tanto de auto-amor quanto de afirmar uma presença autônoma que seja aceitável e agradável para nós mesmas. As preferências individuais (estejam ou não enraizadas na autonegação) não podem escamotear a realidade em que nossa obsessão coletiva com alisar o cabelo negro reflete psicologicamente como opressão e impacto da colonização racista (HOOKS, 2005, p. 7).

Segundo bell hooks, mesmo quando tomada a decisão de não alisar o cabelo, muitas vezes, tal atitude não implica valorização identitária porque ainda é preciso se sentir confortável com a aparência exatamente como ela é. No caso da protagonista, ela demonstra, em todo o percurso ficcional, gostar de si mesma, entretanto a conjuntura de opressão a leva ao tormento. A autonomia citada por hooks não era um privilégio da menina, mas apesar do contexto descrito, ela decide, como estratégia de enfrentamento, afirmar-se.

Quinze anos depois, em Brasília, é segunda-feira, dia de começos. Uma mulher madura de olhar doce e fértil vê sua imagem no espelho e ajeita com cuidado as tranças corridas, contemplando com satisfação a história escrita em seu rosto e a beleza que os pensamentos dignos conferem à sua expressão. É uma mulher livre, vencedora de muitas batalhas interiores, que se prepara para a vida e luta para preservar a sua origem, pois é a única herança verdadeira que possui. Ela aprendeu e jamais esquecerá. A gente só pode ser aquilo que é (SOBRAL, 2016a, p.41).

Mbembe esclarece sobre a capacidade humana de instaurar novas identidades: “Por definição, a figura humana é plástica. O sujeito humano por excelência consegue tornar-se outro, uma nova pessoa. É aquele que, coagido com a perda, a destruição e, até, o aniquilamento, fará surgir de tal acontecimento uma identidade nova” (2014, p. 229).

Em “Pixaim”, a plástica ocorre quando a garota acata as pressões para, quinze anos mais tarde, reinventar-se. “É uma mulher livre, vencedora de muitas batalhas interiores, que se prepara para a vida e luta para preservar a sua origem, pois é a única herança verdadeira que possui” (SOBRAL, 2016a, p.41). Ela demonstra uma postura afirmativa diante de si e dos outros e deixa implícito que os embates interiores continuam em caráter gradativo: uma eterna luta pela representatividade de sua raça. Também é gradativo seu empoderamento. Há um percurso de quinze anos até chegar a ele: o que antes era **qualquer dia da semana**; agora, é **segunda-feira, dia de começos**.

Ressalte-se que o fato de um sujeito pertencente a um grupo oprimido ter desenvolvido pensamento crítico acerca de sua realidade, não retira a dimensão estrutural que lhe coloca sob situações degradantes. Essa é uma das razões pelas quais o **empoderamento** é um processo gradual (BERTH, 2018, p. 43, grifo da autora).

A menina passa por mudanças identitárias de maneira processual⁶ e de acordo com o tempo e com o meio. Seu rosto, seu cabelo e seu corpo remetem a uma história de dificuldades, mas também de conhecimento e de aceitação de si mesma à revelia dos anseios dos que a cercam, inclusive de sua progenitora. Ademais, para chegar à liberdade era necessário empregar senso crítico acerca do que impulsionava o outro uma vez que este era o ponto de partida para lutar contra a rejeição social. Da sinestesia (**olhar doce e fértil**) podemos inferir sua capacidade para multiplicar saberes e vida. As **chibatadas** e a queimadura não lhe trouxeram somente dor porque permitiram sua reinvenção enquanto mulher negra a partir do entendimento de sua realidade.

6. Tomamos a noção de processualidade examinada por Alcione Correa Alves em artigo tal qual o modelo apresentado em Introdução à poética da diversidade (2005), de Édouard Glissant. “Édouard Glissant reconhece a instabilidade e a provisoriedade das identidades em um mundo contemporâneo, sob o signo de uma poética da Relação; tais identidades se mostram, no pensamento glissantiano, coerentes à imprevisibilidade e à provisoriedade caras à crioulização, percebendo uma possibilidade, não negligenciável, de inexequibilidade das trocas culturais tal como preconizadas em um modelo rizomático” (ALVES, 2014, p. 82).

“O poder, longe de impedir o saber, o produz” (FOUCAULT, 2018, p. 38). Há quem acredite que o exercício do poder cessa a produção intelectual de grupos reprimidos; afinal, impedir o saber é a forma mais viável para permanecer no poder. Entretanto, o filósofo alerta para o fato de que ocorre o inverso: subordinados produzem saber e, inclusive, as dificuldades proporcionam a consolidação de tal realidade. A reflexão de Michael Foucault permite uma analogia com os dizeres de Sobral: “Ela aprendeu e jamais esquecerá. A gente só pode ser aquilo que é” (SOBRAL, 2016a, p.41).

O conto termina com a reafirmação desta premissa. Os verbos **poder** e **ser** celebram a construção identitária negra de maneira inteligível, sugerindo o empoderamento. Concomitante a isto, percebemos um equilíbrio entre aquilo que nos é permitido, aquilo que somos e aquilo que o outro espera que sejamos. Se apenas é permitido ser o que somos, então é imprescindível que tenhamos liberdade para decidir sobre nossa aparência, entendendo que esta última não está desvinculada daquilo que sentimos e nem do que construímos socialmente. A aceitação da estética resulta em elevação da autoestima, por isso é tão importante entender esta relação como influenciadora do processo de construção identitária.

CONCLUSÃO

O discernimento que a protagonista de “Pixaim” demonstra constitui uma ênfase às consequências que o caráter violento das posturas negativas imputadas ao corpo negro originam. Ademais, o amadurecimento precoce e a apresentação de suas reflexões e ações corroboram para a construção de uma personagem dotada de protagonismo e de humanidade. Tal conjuntura permite afirmar a construção gradativa de sua identidade, especialmente, porque ela passa da consciência de si ao empoderamento mesmo estando tão próxima do discurso de autonegação.

É importante mencionar a abrangência conferida por Sobral às raízes. Em uma primeira possibilidade, consideramos os fios capilares que alcançam o corpo negro para estabelecer a hierarquia determinante de quem merece respaldo social ou não. Em outra perspectiva, é possível considerar as raízes ancestrais representadas pela mãe enquanto influenciadora do comportamento da protagonista, o que torna ainda mais dura a escolha por contrariá-la; além da violência psicológica oriunda dos irmãos de pele mais clara. Por último, citamos a raiz no sentido glissantiano: aquela oriunda dos aspectos culturais e do

pertencimento a uma raça que solidifica o modelo rizomático⁷ através do qual as raízes se relacionam de maneira imprevisível.

Enfim, as estratégias discursivas e as ações da protagonista conferem à narrativa uma atitude política de valorização do fenótipo negro. Neste sentido, o poder e a resistência são reiterados pela construção identitária feminina, bem como pela ampliação epistemológica promovida pela escritora afro-brasileira uma vez que esta última se posiciona no cenário literário e também social.

IDENTITY CONSTRUCTIONS IN “PIXAIM”, BY CRISTIANE SOBRAL:

FROM WARM TIME TO A DAY OF BEGINNINGS

The collection *O tapete voador*, by Cristiane Sobral, embraces the short story “Pixaim” whose main theme is a girl's fight against the whitening strategies imposed by her mother. In this sense, this study aims to examine how the protagonist's actions to tackle racism, in the diegesis, contribute to the character's process of identity construction. The theoretical contribution is based on the notions presented, mainly, by Édouard Glissant (2005), Achille Mbembe (2014) and Nilma Lino Gomes (2008). Based on the hypothesis that the trajectory of the protagonist of the story is marked by the fight against racism, the partial conclusions of this article point to a process of identity construction that runs through the self-awareness to reach empowerment. In this way, the writer gives the narrative a political attitude of valuing the black phenotype.

Keywords: Black literature. Cristiane Sobral: short story. "Pixaim". Racism. Identity.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alcione Correa. Mulheres deixam traços nas águas? **Organon** (UFRGS), Porto Alegre, v. 29, n. 57, p. 77-98, jul./dez. 2014.

7. O aprofundamento acerca do modelo rizomático de Glissant é assunto para outra pesquisa em uma linha de pensamento análoga a esta. Para maior aprofundamento sobre a temática, sugerimos a leitura do artigo de Sílvio Sérgio Oliveira Rodrigues: “A poética mangue: fluxos, rizomas e platôs”. **Sociopoética**. Campina Grande, Eduepb, v.1, n. 14, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/download/3062/1698>>

BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. São Paulo, 2011a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008>. Acesso em: 01 ago. 2018.

CHIAPPINI, Lígia. **O foco narrativo**. Série Princípios. 2014, 10ª edição. Disponível em: <https://teoriadaliteraturaifb.files.wordpress.com/2014/07/texto-02-o-foco-narrativo-ligia-chiapinni.pdf>. Acesso em: 15 de jan. 2018.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. /dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/S0104-026X2002000100011/8774>. Acesso em 31 de jan. 2018.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. 7ª edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro/São Paulo, 2018.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, set. /dez., 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>>. Acesso em: 26 maio 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Arquivo Kindle.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba**. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Jan./Fev., 2005. Disponível em: <http://coletivomarias.blogspot.com/search?q=alisando+o+nosso+cabelo>. Acesso em 08 ago. 2018.

MACÊDO, Cassiana Soares de. **A literatura afro-brasileira em análise nos contos Negrinha e Pixaim**. 2015. 36f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, João Pessoa. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3044/1/CSM26022014.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2018.

MACHADO, Serafina Ferreira. Pérola. In: **Cadernos negros 36**. Contos Afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2013, p. 87-93.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução: Marta Lança. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

OLIVEIRA, Bárbara Maria de Jesus; OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Cadernos Negros: poéticas da resistência e a temática dos cabelos crespos em “Pixaim” e “Afagos”. **Pontos de Interrogação**. Alagoinhas, v. 5, n. 2, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/2168>>. Acesso em: 23 set. 2017.

OLIVEIRA, Cleide Silva de; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. A forja do eu: o discurso racista em “Metamorfose”, de Geni Guimarães. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 16, n. 02. jul. /dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/Travessias/article/view/10308/7926>. Disponível em 15 jan. 2018.

RODRIGUES, Sílvio Sérgio Oliveira. A poética mangue: fluxos, rizomas e platôs. **Sociopoética**. Campina Grande, Eduepb, v.1, n. 14, jan. /jun., 2015. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/REVISOCIOPOETICA/article/download/3062/1698>> Acesso em: 31 dez. 2018.

SILVA, Franciane Conceição. Feições do racismo no conto “Pixaim”, de Cristiane Sobral. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, out./dez. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/13913>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SILVA, Denise Almeida. “Para gostar de ser”: literatura negra, racismo e autoestima. **Revista Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 41, p. 88-94, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7330>>. Acesso em: 26 maio 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Organização e Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

SOBRAL, Cristiane. **O tapete voador**. Rio de Janeiro: Malê, 2016a.

_____. **Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz**. Brasília, 2016b.

_____. Pertencimento negro e reflexões acerca do feminino na literatura de Cristiane Sobral. [Julho, 2016]. Florianópolis: **Urdimento**, 2016c. Entrevista concedida à Denise Lima. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/35511788-Pertencimento-negro-e-reflexoes-acerca-do-feminino-na-literatura-de-cristiane-sobral.html>> Acesso em: 12 ago. 2018

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1983.